

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, NOVEMBRO/2010 - ANO XIII - Nº 166

Reprodução

EDITORIAL

Após uma campanha morna, polarizada entre dois candidatos, em que se perdeu tempo com discussões áridas que não contribuíram para o amadurecimento político, nem para o esclarecimento do eleitor, elegeu-se Dilma Roussef. Ela será a primeira brasileira que conduzirá o governo da nação nos próximos quatro anos.

No dia 1º de janeiro, completar-se-á o processo sucessório, quando Dilma Roussef receberá a faixa presidencial. Fechadas as urnas e contados os votos, as paixões causadas pelos embates eleitorais devem ser esquecidas e os ressentimentos precisam ser apagados para que situação e oposição possam olhar para os interesses nacionais com a consciência de que chegou a hora do bom combate, já que temos pela frente uma nação esperançosa quanto ao futuro.

O que mobiliza as pessoas não são os compromissos que assumem entre si, mas os objetivos comuns que abraçam. O melhor antídoto para as rivalidades estereis é o comprometimento com causas amplas que parem acima das desavenças ou tendências ideológicas de cada um. A causa de todos é o Brasil. Mais especificamente, nossa causa é a construção de um país competitivo internacionalmente e capaz de manter um crescimento que se traduza em melhoria da qualidade de vida da população, com o fim dos desníveis sociais. Aqui temos uma das piores distribuições de renda do planeta. Para reverter essa humilhante situação, reduzindo as desigualdades sociais, é necessário proporcionar acesso à educação de qualidade a todos os brasileiros. O Brasil é rico, o que nos orgulha, mas não é justo, o que nos envergonha. Precisamos unir forças e trabalhar para reverter essa situação.

O tamanho de nossos sonhos e de nossas aspirações deve ser a medida de nosso engajamento e de nossa disposição de trilhar o caminho certo.



A eleição da primeira mulher presidente do país abre caminho para ampliar a “onda feminina” na política. Entre os desafios de Dilma Roussef estão o de enfrentar a resistência e o preconceito por parte dos homens e conquistar avanços pelos quais as brasileiras vêm lutando.

Sim, a mulher pode!

O último dia 31 de outubro será uma data que ficará marcada na memória dos brasileiros. Pela primeira vez na história do país, uma mulher foi eleita Presidente da República. Quando tomar posse, no primeiro dia de 2011, Dilma Roussef se tornará líder do maior país da América Latina: uma nação em pleno desenvolvimento político e econômico.

Em seu aguardado primeiro discurso como presidente eleita, Dilma, após agradecer a todos os brasileiros e ressaltar o avanço democrático do país, falou sobre a importância da mulher: “Registro aqui meu primeiro compromisso após a eleição: honrar as mulheres brasileiras, para que este fato, até hoje inédito, se transforme num evento natural. E que ele possa se repetir e se ampliar nas empresas, nas instituições civis, nas entidades representativas de toda a nossa sociedade”. Prometeu que em seu governo não haverá compromisso com o erro, o desvio e o mal feito. Comprometeu-se com uma política econômica responsável, de combate à inflação e seriedade nas contas públicas.

O resultado dessa eleição é histórico não só pelo fato de que o Brasil elegeu para o cargo mais importante de nossa democracia uma mulher, mas também porque se trata da maior vitória feminina em um sistema político ainda amplamente dominado pelos homens.

A expectativa da maioria do eleitorado é que uma mulher à frente do governo seja mais sensível às demandas sociais e se volte

mais atentamente às políticas de saúde, educação, às questões da família e à erradicação da pobreza.

Outro compromisso registrado por Dilma Roussef em seu pronunciamento foi o de “valorizar a democracia em toda a sua dimensão, desde o direito de opinião e expressão até os direitos essenciais da alimentação, do emprego e da renda, da moradia digna e da paz social”. Reafirmou que zelar pela mais ampla e irrestrita liberdade de imprensa e que em seu governo será rígida na defesa do interesse público em todos os órgãos de controle e de fiscalização, que trabalharão com seu respaldo, sem jamais perseguir adversários ou proteger amigos.

A eleição da primeira mulher presidente do país abre caminho para ampliar a “onda feminina” na política. Entre os desafios de Dilma Roussef estão o de enfrentar a resistência e o preconceito por parte dos homens e o de conquistar avanços pelos quais as brasileiras vêm lutando ao longo das últimas décadas. A presença de uma mulher na Presidência muda toda a simbologia do poder: faz com que meninas possam vislumbrar a possibilidade de se tornar uma presidente algum dia.

Num trecho de seu discurso, parafraseando o presidente Barack Obama, afirmou: “Sim, a mulher pode”. Bem aceito pela sociedade, esse primeiro pronunciamento da nova presidente encheu de entusiasmo e expectativa todos que a ouviram.

Imagem - Memória

Fotos arquivo Pro-Memória



Os grandes auxiliares dos homens na abertura da rodovia Lorena-Itajubá foram os muare: centenas de animais trabalhavam retirando terra e pedras das frentes de trabalho. Com melhor adaptação e mais agilidade que o trator em terrenos de topografia montanhosa, o burro dispensa diesel, pneus, oficinas, peças de reposição e mão-de-obra especializada, que é o tratorista. Na foto, do final da década de 30, grupo de trabalhadores no trecho de serra, em Piquete.

O trabalho das mulas na abertura da rodovia Lorena-Itajubá

“Governar é abrir estradas”. Atribuída ao ex-presidente Washington Luiz, essa frase visava a expandir a malha rodoviária com vistas ao crescimento e interiorização do país.

No decurso da história, os modos de traçar, construir e conservar estradas sofreram transformações expressivas fornecendo provas da engenhosidade humana. Hoje, com tecnologias modernas, grandes máquinas manobradas por um só homem executam tarefas que até há bem pouco tempo eram feitas por um batalhão de operários.

Historiando a origem das primitivas estradas que cortavam o Vale do Paraíba – muitas das quais deram origem a modernas rodovias –, constatamos que a maioria foi aberta seguindo antigas trilhas indígenas. Sem nenhum traçado, acompanhavam as sinuosidades do terreno procurando sempre os vales e as gargantas. Eram caminhos simplesmente indicados na paisagem, marcados pela frequência do trânsito de pessoas e animais. Como não havia consolidação do leito do terreno destinado ao tráfego, nem valetas laterais ou cortes para desviar as águas das chuvas, essas estradas estavam sempre em precário estado, necessitando de manutenção.

Piquete surgiu e cresceu às margens de um desses antigos caminhos que cortava a Mantiqueira. Antes da chegada do asfalto, percorrê-lo era uma aventura perigosa,

principalmente no trecho da serra. As queixas e reclamos de tropeiros e transeuntes eram constantes. Para estes, a viagem era uma aventura, mais ainda nos tempos das chuvas. Desde o século 19, as Câmaras municipais de Lorena e Itajubá cobravam dos governos provinciais recursos para sua manutenção. Quase toda a produção do Sul de Minas escoava pela Mantiqueira através dela, de modo que era crescente o número de tropas e cargueiros que a percorriam.

Com a chegada dos primeiros automóveis no início dos século 20, a estrada ficou em estado calamitoso. Nas chuvas, os carros atolavam no barro ou patinavam desgovernados, embora com pneus revestidos de correntes. Na década de 20, os governos de São Paulo e Minas Gerais pleiteavam a construção de uma nova e moderna estrada. Em meados de 1929 foram divulgadas notícias de que, por iniciativa de Júlio Prestes, então Presidente de São Paulo, e dos deputados mineiros Theodomiro Carneiro Santiago e José Brás Pereira Gomes, estava certa a construção da rodovia Lorena – Itajubá. Os traçados e estudos foram feitos pelo engenheiro Luís Goulart de Azevedo e os trabalhos iniciados em 1931, a partir de Itajubá, pelo 4º Batalhão de Engenharia de Combate. Em 1932, durante a Revolução Constitucionalista, as obras foram interrompidas e tropas federais ocuparam trechos já preparados. Somente em 1934 foram reiniciadas. Era na Mantiqueira que os operários encontravam

maiores dificuldades. Para o trecho de serra em Piquete foram contratadas centenas de homens, apelidados “arigós”, de diferentes empreiteiras.

A falta de maquinaria e a dificuldade do terreno exigiram que os trabalhos fossem feitos com ferramentas simples – enxadas, alviões ou enxadões, picaretas, alavancas, bimbarras. Blocos de pedras foram removidos com cunhas e pólvora. Os grandes auxiliares dos homens foram os muare: centenas de animais trabalhavam retirando terra e pedras das frentes de trabalho. É fato conhecido que dois burros bem manejados são potencialmente capazes de fazer o trabalho de um trator de 50HP. Enquanto este último tem alto custo, um burro ou mula, mansos, saudáveis e treinados em puxar carroto, têm preço muito menor. Com melhor adaptação e mais agilidade que o trator em terrenos de topografia montanhosa, o burro dispensa diesel, pneus, oficinas, peças de reposição e mão-de-obra especializada, que é o tratorista. Tudo isso com um pequeno consumo diário de capim e porções de milho e durante uma vida útil de vinte anos ou mais, se bem tratado. A tração animal na abertura da rodovia Lorena – Itajubá foi bem utilizada. Muitos se recordam de como os animais eram bem adestrados. Depois de pouco tempo de treinamento e com as carroças cheias, iam até o local onde pedras e terra eram despejadas. Eram, diariamente, centenas de viagens. Assim foi vencido o trecho da Mantiqueira.

GENTE DA CIDADE

Cida Loura

Assim é conhecida esta antiga moradora da Vila Célia, cujo nome no registro civil consta apenas como Maria Aparecida. Cida Loura é guardiã de muitas estórias e de aventuras e desventuras desse bairro.

Filha de Nourival Nogueira Barbosa e Maria José da Costa, nasceu no Itabaquara de Cima, no sopé do Meia-Lua, em 13 de maio de 1923. Ela e os oito irmãos foram criados juntos com o avô materno, Lindolfo da Costa Manso, cujos filhos, à medida que se casavam, ganhavam uma porção de terras e passavam a cultivar suas roças. Nas décadas de 20 e 30 do século 20, eram muitas as famílias no Meia-Lua – todos produtores rurais. Dona Cida se recorda dos Braga, Machado, Dimas, Lúcio, Guimarães, Pelúcio...

O avô, Lindolfo da Costa Manso, morava em uma ampla casa, toda assoalhada. Conta que havia engenho, alambique, monjolo e casa de farinha. Os produtos eram levados para a cidade em tropas de mulas: rapadura, aguardente, farinha, canjiquinha, fubá grosso, fubá fino... Seu pai plantava café, milho, cana, arroz. Criava, ainda, animais. Todos da casa ajudavam. Recorda-se da mãe e da avó areando um imenso tacho de cobre com cinza e limão rosa, para a torrefação da farinha. Em 1932, durante o movimento revolucionário, soldados passavam pela propriedade da família, cruzando a serra. Por essa época, foi criada a escola da Bela Vista. A classe que ela e os irmãos frequentaram era mista e com 31 alunos. Os professores vinham de Guaratinguetá e ficavam na “casa do tio Zé Costa”. Com boa memória, cita quase todos os colegas da escola: Benedito, Maria e José Costa Manso, Alziro, Luiz e José Serafim Machado, Benedito e Ana Lúcio, Rosa Custódio... “Os alunos já eram crescidos... Todos com 10, 12 anos”. A escola funcionou por apenas 3 anos.

Ainda dos anos 30, fala sobre as obras de abertura da rodovia Lorena – Itajubá. Cita as diversas companhias construtoras, os acampamentos na Serra em que eram



alojados os operários, chamados “arigós”, vindos de lugares distantes. “Tempos bons aqueles... Éramos felizes e não sabíamos”.

Com 19 anos, a família mudou-se para a cidade. O pai veio trabalhar nas oficinas de éter, na FVP. Em 1945, mudou-se para a Vila Célia. Naquela época, Christiano Rosa estava formando o bairro. Vendia lotes ou casas prontas. Havia um carnê e, a cada mês, à medida que se fazia o pagamento, uma folha era destacada, para alegria do comprador. “Os moradores da Vila Célia constituíam uma grande família... Todos, em certo momento, tornavam-se compadres...”. Dona Cida cita os antigos vizinhos: Dito Veloso, Cantídio Cândido, Benedito Barra, Zé Pires, Dorico, José China, Manoel Romão, Valter Ribeiro Mendes... “Era movimentado esse bairro operário... Assisti ao seu crescimento. O ribeirão Araçá era limpo; não havia calçamento e a água era buscada numa mina”. Lembra-se do rancho da Maria da Silva, da capelinha, das festas de São José e de duas festas juninas promovidas pelos moradores: uma próximo à Mina e outra no Monte Castelo. Diz Dona Cida: “Nos fins de semana, andava por Piquete inteiro... Tinha muitos amigos... Íamos ao Cine Glória, subíamos de trem até a estação da Estrela, visitávamos o Jardim Zoológico... Era bom demais...”

Solteira, Dona Cida mora com a irmã mais velha na mesma casa comprada pelos pais, preservando as doces lembranças do

“Piquete de seus tempos.

Notas da Cidade

☒ **Ponto de Cultura – Jongo de Piquete**

Na noite do dia 19 de novembro, véspera do Dia da Consciência Negra, o Grupo de Jongo de Piquete se reuniu no clube Terrana com representantes dos grupos de capoeira – Negro de Sinhá e Senzala, de Piquete, e Cordão de Ouro, de Lorena – numa corrida Roda de Conversa. Um dos temas discutidos pelos participantes foi a importância do Jongo e da Capoeira na atuação preventiva de jovens contra o uso de drogas. Trazer jovens para participar do Grupo de Jongo, interagindo com os jongueiros ou jogar capoeira é uma maneira de ocupá-los, bem como trabalhar com ações afirmativas. Após a Roda de Conversa, os participantes dançaram Jongo e jogaram Capoeira; no intervalo, foi servida saborosa canjiquinha.

À meia-noite, nos primeiros minutos do Dia da Consciência Negra, saíram em cortejo, cantando, dançando e soltando foguetes até a Praça Duque de Caxias, atraindo a atenção de muitas pessoas. Na Praça, foi formada uma grande roda de jongo, em que todos puderam se confraternizar.

☒ **Consciência Negra**

O Legislativo piquetense promoverá, no dia 26 de novembro, às 19h30min, no Salão de Atividades Prefeito Luiz Vieira Soares, uma Sessão Solene em homenagem ao Dia da Consciência Negra. Na oportunidade, serão homenageadas as senhoras Elaine Ribeiro de Faria, Lúcia Paulino de Castro, Neuza Aparecida da Silva, Vanessa Georgina Macedo de Oliveira e também os senhores Getúlio Mariano, José Ribeiro, Marcos Sávio Venâncio, Paulo Alexandrino de Barros e Pedro Vicente da Silva.

Na ocasião, fará pronunciamento alusivo à data o subtenente PM Luiz Carlos dos Santos. A cerimônia contará, ainda, com apresentação do grupo **Jongo de Piquete**.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

Vila Célia na década de 50.



A Missa Votiva de São Miguel

Dóli de Castro Ferreira

O verdadeiro Piquete ali está, da gente simples que acredita na força da fé.

Devotos convictos do Anjo padroeiro prestam-lhe homenagem cada dia 29 do mês comparecendo à missa sempre celebrada à tarde, e esperando as bênçãos com a aspersão da água benta. Levam seus “santinhos” (imagens), roupas, chaves e demais objetos de devoção ou culto para benzimento.

Comportam-se com muito empenho presentes à cerimônia e dividem os espaços da nave, já pequenos para a assistência que sempre é numerosa.

Essa manifestação religiosa foi adotada nos anos mais recentes. Antes era apenas a novena e o dia da festa, com missa e procissão, a quermesse, e pronto. Mas, sem dúvida, eventos de destacada aglutinação social.

Para a missa votiva mensal gente vem de longe, das vilas, dos bairros, dos morros, às vezes das cidades vizinhas. Houve época em que se rezavam orações próprias dos exorcismos pela invocação dos santos anjos, especialmente Miguel, o defensor das hostes celestes contra os anjos decaídos transformados em Satanás e suas coortes.

Afinal, hierarquias angelicais de coros de querubins, serafins, tronos, dominações e potestades se postam vigilantes na função intermediária entre Deus e os homens, estando os arcanjos, em sua representatividade, liderados por Miguel, o que combateu o arcanjo da Luz, Lúcifer, insidioso na busca do poder. Assim, principalmente, alinham-se nessa defesa. Invoca-se São Miguel e seu lema da espada chamejante: Quem como Deus? O coral inflama as vozes. A missa flui. A homilia é desenvolvida. O final, regozijado pelas bênçãos, e a feliz volta para casa. Não sem ter tempo de cumprimentar os amigos, trocar ideias e fazer comentários. Assuntos não faltam.

É o momento dos piquetenses natos. O povo aproveita para alargar o espaço social expandindo-se pelas calçadas laterais externas. Afinal, é uma tradição que vem sendo mantida e deve ser alimentada por um empenho valioso, porque pode ser vista como força coesiva da comunidade. Maior ainda se aproveitado o momento para difundir educação de base comunitária, orientação de modo geral e, apesar do horário vespertino das 15 horas em dias de trabalho, promover orientação de jovens face às suas

famílias, principalmente quando a difusão de costumes perniciosos ganha guarida entre os carentes de atenção, afeto e processos ocupacionais. O semblante simples e até humilde de muitos não esconde algumas mágoas, carências diversas e o apelo silencioso e disfarçado de busca de ajuda. Para tanto, São Miguel é invocado, e a figura triunfante e guerreira do Anjo protetor pode ser um dos elos finais de uma corrente de sobrevida encadeada de lutas, derrotas e vitórias.

Para isso lá está o povo. E são sempre os mais simples devotos os que lá se encontram. O exercício espiritual é realizado com dedicação quando é proposto um intervalo nas ocupações domésticas, momento esse principalmente iluminado por uma busca do supremo bem e a promessa de um poderoso prêmio. Entretanto, parece-me que, atualmente, escassearam um pouco as pessoas. Escassearão as esperanças?

Não precipitemos conclusões. Um fato é verdadeiro: os fiéis da missa votiva a São Miguel têm posturas diferentes dos que praticam frequência aos atos das missas dominicais e dos dias comuns. É a fé que os anima acima de tudo. Refletida também nos cumprimentos finais, antes da dispersão.

IBGE divulga dados do Censo 2010

O Censo 2010 contabilizou até 31 de outubro deste ano 185.712.073 residentes no país, incluindo brasileiros e estrangeiros. A publicação foi divulgada dia 4 de novembro, no Diário Oficial da União. O total de moradores do Brasil poderá sofrer alterações porque as Prefeituras têm até o dia 24 de novembro para eventuais contestações que serão analisadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

A coleta de dados para este Censo foi iniciada em 1º de agosto. De acordo com o IBGE, o Censo é a única pesquisa que visita todos os domicílios do país para traçar um

perfil abrangente da população. Os resultados são repassados ao Tribunal de Contas da União (TCU) e servem de parâmetro para repasses de verbas federais às cidades. A partir das estimativas populacionais, são definidas as cotas do Fundo de Participação dos Estados e do Fundo de Participação dos Municípios, segundo o Instituto.

Dados preliminares deste Censo apontam crescimento de 11% na região do Vale do Paraíba em comparação com os dados do Censo de 2000. O aumento foi acima das médias estadual e nacional.

No Vale Histórico, estão as cidades que

mais encolheram. Em Piquete, a população diminuiu cerca de 7,2% desde o último Censo, há 10 anos. Em 2000, o município possuía 15.200 habitantes; na nova pesquisa contaram-se 14.092, o que significa uma redução de 1.108 habitantes. De acordo com os dados, outras cidades do Vale do Paraíba também tiveram redução no número de habitantes, como é o caso de Arapeí, Lagoinha, Paraibuna, Natividade da Serra e São Luis do Paraitinga. Os dados indicam que a principal causa disso foi a migração para outras cidades da região. O resultado oficial do Censo 2010 deve ser divulgado no final do mês de novembro.



Educação para o desenvolvimento

O Brasil é um dos países mais ricos do mundo. Somos a 9ª economia do planeta. No entanto, somos um país extremamente injusto e desigual, com muitos pobres.

A desigualdade encontra-se na origem da pobreza e para combatê-la torna-se imperativo um projeto social que vença o desafio de combinar democracia com eficiência econômica e justiça social. A desigualdade está presente em todos os setores da sociedade. Vivemos tão acostumados à pobreza, à falta de emprego, de oportunidades, de educação com qualidade, que, muitas vezes, não nos damos conta das leis que garantem todos esses bens à população. É preciso fazer cumprir as leis dos direitos dos cidadãos. Para isso é necessário acabar com as diferenças sociais, tão marcantes em nosso país. Faz-se necessária a implantação de políticas públicas que viabilizem esses direitos, por meio da educação de qualidade e condições de trabalho a todo brasileiro em idade produtiva. A sociedade moderna demanda uma ação de permanente diálogo. Devemos buscar a transformação nas ações de consenso. Todos somos responsáveis pela construção de um novo mundo. Para resultados reais, devemos respeitar a vida e as diferenças que marcam os indivíduos. É preciso que a sociedade lute, para que seus direitos sejam estabelecidos, e exija mais responsabilidade social de nossos representantes políticos. Investir na educação faz com o país melhore em muitos aspectos. Além de formar pessoas melhores, mais críticas e que saberão correr atrás de seus direitos.

A educação é a base de um país. Quanto mais profissionais qualificados nas diversas áreas de atuação, mais o país cresce.



Acesse na internet, leia e divulgue o informativo

“O ESTAFETA”

www.issuu.com/oestafeta

Ciência e Consciência da Cor

Abigayl Lea da Silva

Está sendo restaurada em Salvador, Bahia, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos.

Construída pelos escravos cristãos, em suas horas de descanso, para abrigar a sua Irmandade, a construção revela obras de grande valor artístico. Obedecendo a todos os cuidados que exige um trabalho desta natureza, espera-se que chegue aos olhos no público na comemoração de seu terceiro centenário.

O Padre Antônio Vieira, que várias vezes dirigiu seus sermões à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, dizia não entender a existência de três irmandades, já que a Virgem do Rosário era uma só e mãe de todos.

Pronunciou-se Vieira:

“Compara-se a Senhora à aurora, à lua e ao sol. Por quê? Porque igualmente como Mãe, e como a filhos e irmãos, abraça com seu amor os brancos, os pretos e os pardos; e alumia com sua luz todas estas diferenças de cores: como sol aos brancos, que são o dia; como lua aos pretos, que são a noite; e como aurora aos pardos, que são os crepúsculos”.

Mais estranheza assaltava o pregador: os pardos – apartaram-se e deram à sua Irmandade a denominação Guadalupe, lembrando a aparição da Virgem Maria a um índio no México – “pois os pardos se quiseram antes distinguir de ambas, e com tanta diferença que até o apelido de Nossa Senhora trocaram, e deixaram o do Rosário, contanto que o rezem, como os outros devotos dele, a soberana Virgem, que invocada de qualquer nome é a mesma, se dará por satisfeita de sua devoção”.

Se o artista Vieira não entende a separação das cores, o cientista Darcy Ribeiro, antropólogo, vai mais longe. Diz que somos um povo novo, que agrega as características do branco, do indígena e do preto.

Do branco o povo brasileiro recebeu a tecnologia européia; do negro, a aguçada espiritualidade, que carrega na tradição oral todos os mistérios dos ancestrais; e do índio, o modelo da arte de conviver – pergunte a um xavante quem é (ou quem foi) o índio mais bonito ou o mais forte da aldeia e ele responderá: “todos os xavantes são bonitos; todos os xavantes são fortes”.

Somos um povo mestiço, enriquecido pelas peculiaridades culturais de povos que se irmanaram no Novo Continente. Os asiáticos, a cor amarela, que se juntou a partir do século dezenove, vieram dar os últimos retoques na feição do povo novo, que, pouco a pouco, vai aprendendo que o respeito tem mão-dupla – é preciso respeitar para ser respeitado – e que as leis que vigoram no país podem aparar quaisquer arestas que venham a dificultar a convivência dos diferentes.

Tem grande alcance a comemoração do dia da Consciência Negra.

O IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, reservou para os nativos da América a denominação da cor que os distingue – a cor indígena (há quem os chame de povos vermelhos).

Os asiáticos (japoneses, chineses, coreanos) levam a cor que sempre lhes foi atribuída – a amarela.

Os demais brasileiros, mestiços em sua maioria, se identificam pela tonalidade de sua pele – são brancos, pardos ou pretos.

O Brasil é conhecido pela sua natureza biodiversa. Sua população espelha essa biodiversidade. Aqui, natural é ser diferente. Ninguém pode reclamar de monotonia na paisagem, nem mesmo na paisagem humana.

Só que é preciso ser diferente sem ser desigual.

Vamos aperfeiçoar nossa democracia. Vamos buscar no nosso íntimo o desenho de nossos valores negros, pardos, amarelos, brancos, indígenas ou plurívocos.

Alegremo-nos com nossa condição de povo novo, sem preconceito, sem violência, sem ambição de poder.

O Brasil não precisa ser potência, não precisa estar entre os cinco, sete ou oito. Não precisa tomar assento definitivo em conselhos internacionais.

Precisa estar livre das amarras das ambições para que possa votar com liberdade e isenção.

Vamos estabelecer uma lista dos direitos mínimos que não podem ser negados a nenhum brasileiro. E vamos acusar e punir os corruptos.

A nossa irmandade não pode ficar dividida.

Zumbi e a Virgem do Rosário dirão: Amém.

Crônicas Pitorescas

Sujeira pública...

Palmyro Masiero

Possuo uma capacidade incrível para absorver problemas alheios e tentar equacioná-los sem que me exijam isso. Parece ser patológica essa disposição.

Uma distinta senhora, residente em uma distinta casa, num distinto bairro arborizado, cercada por distintos vizinhos, contou-me sobre a situação vulgaríssima em que se encontra. Um dos moradores adjacentes é proprietário de um cachorrão tamanho família. Grande cachorro de um alto dono. Pois bem... Diariamente, em hora certa, ele – o dono – sai com seu enorme dinamarquês para que este se movimente, erga as pernas nos postes para não perder a herança cachorril, e, também, se desfaça na rua, pois o quintal do homem é pequeno e cimentado. O bicho já está condicionado a essas excursões. O xix da questão é que o danado achou por bem considerar como seu WC particular justamente o pé da árvore que fica na calçada da distinta casa da distinta senhora. Saibam que é mais de quilo de cada vez... Todo santo dia lá fica aquele monte de borra cheirando mal, para que ela o lave, com os dedos tampando o nariz. Verdadeira cachorrada!

O conflito ficou em minha cabeça. Ela poderia reclamar para a Prefeitura, pensei... Mandaria um ofício delatando o caso. Imaginei esse escrito formal para maior ênfase... Lembrei-me, porém, de que dele consta uma sinopse da matéria, no “Assunto:”. Como poderia dizer em duas ou três palavras o resumo do problema, que seria quase um título para a reclamação: “Defecação Canina em Lugar Impróprio”? “Evacuação Indevida”? “Canis Familiaris Porcum”? Creio que o cara da repartição iria considerar que estavam tirando sarro com ele e até uma multa poderia pintar por desrespeito a funcionário cômico. “Sujeira Pública”? Pensaria, evidentemente, em um monte, mas de outras coisas, menos do desprezado pelo não tão distinto cão. Ofício, realmente, vai ser uma barra!

Um outra dúvida veio como refletida: que órgão da administração pública cuida dessa problemática? Não faço ideia... Para que se proibissem cães de se esvaziarem

onde lhes desse vontade, deveriam existir banheiros públicos para a raça, o que não existe. Decretar alguma lei obstando tal necessidade biológica em via urbana para os cachorros? Difícil seria fazê-la chegar ao conhecimento dos animais... Para vira-lata ou rasga-saco, que multa resolveria? É... O caminho seguido não me levou a termo algum.

Olho por olho, dente por dente: uma opção. A madame que fizesse o mesmo! Calma aí... Ela não... Um cachorro pertencente a ela. Para isso, teria primeiro que comprar um, criá-lo, adestrá-lo, condicioná-lo, e ter tempo (o que evidentemente não tem) para passear com ele em frente à casa daquele que lhe suja a calçada. O grande entrave é que seu horário de serviço é irregular, o que deixaria seu cachorro numa situação um tanto instável para suas necessidades. Outro furo em minhas saídas concludentes...

E cortar a árvore? Tiraria o maior escárnio com a fuça do cachorrão quando este chegasse para sua defecação e não encontrasse a árvore... Mas, e se a preferência do animal fosse pelo local e não pela sombra dele? Restaria a multa da Prefeitura para endoiar ministro... de Deus! Há que se convir, ainda, que livrar a rua de um majestoso flamboyant por tal motivo é dose para pôr grupo de ecólogos em vigília! Fora com esse pensamento...

Então, só resta matar o cachorro! Mas para tanto, teria que conseguir uma bazuca, pois o bicho parece um tanque! Qual a reação do dono? E da Sociedade Protetora dos Animais? Afff!...

Taí... Tô com o raio do programa do problema sem solução... Se fosse consultado o homem e lhe sugerido que variasse de árvore a cada dia? Havia tantas no bairro... Os animais pensantes gostam mais do lugar habitual; precisaria saber se com o cachorro não se daria o mesmo!

Querem saber de uma coisa? Enquanto não encontro uma saída digna, a digníssima mulher que continue limpando cocô de cachorro que é melhor que limpar outras sujeiras que abundam por aí! E fim de papo!

Pedaços de vida

Edival da Silva Castro

Dos meus tempos de menino guardo inesquecíveis lembranças do fogão a lenha que havia na cozinha de casa, à sua volta a figura incansável de mamãe.

Hoje daria um caminhão carregado de ouro para voltar àqueles tempos, para que eu pudesse ao menos acender o fogo para ela.

Às vezes, levantava-me cedo e a surpreendia com a cabeça dentro da boca do fogão soprando um tiquinho de brasa em um dos gravetos... Ao notar minha presença, ela se recompunha, passava as mãos nos olhos para enxugar aquela aguinha que saía deles devido à fumaça e me falava:

– Filho, acho que a lenha pousou no relento.

Assim que o fogo acendia, a chaleira com água era a primeira a ser levada para a feitura do café. Aí começava a rotina de um dia que terminaria somente lá pelas 22h. Logo vinha o almoço, o café da tarde, o jantar, e, antes de dormir, sempre havia lanche com biscoitos de polvilho, sonhos, pipoca ou até mesmo bolinhos de fubá.

Eu gostava de ficar sentado na taipa me aquecendo e apreciando as guloseimas serem fritas ou cozidas. Quando o fogo diminuía, eu era o encarregado de avivá-lo chegando-lhe lenha ou revirando as brasas que se encontravam quase apagadas.

Mamãe, de avental branquinho e limpinho, gostava de servir a cada um à mesa. Primeiramente servia ao chefe da casa. Depois, um por um dos seis filhos, começando pelos mais velhos. Eu nunca aprovei este método por ser o caçula...

No inverno, a cozinha era aquecida pelo fogo que permanecia sempre aceso. As reuniões familiares acaloradas aconteciam à sua volta. Beliscando alguma guloseima, os casos eram discutidos, os pedaços de vida de cada um dos filhos eram cobrados: se necessário, havia correções de atitudes. Todos, porém, com direito a resposta.

Quando, pela primeira vez se acendeu naquela cozinha uma boca de um fogão a gás, não achei nada moderno. Tinha acabado de perder meu assento na taipa avermelhada do fogão. A cozinha ficou mais fria, sem graça, vazia. As reuniões não mais se sucederam. Tudo ficou mais diferente. Até a comida empobreceu. A mamãe aprovou o novo fogão, por ser prático, limpo e rápido na feitura das iguarias, e também por terem seus olhos deixado de escorrer aquela aguinha ao acendê-lo.

Você Sabia...?

... Que a Bandeira Nacional Brasileira foi oficializada em 15/11/1889, e sua autoria é de Raimundo Teixeira Mendes, auxiliado por um astrônomo e um artista plástico.

... Que a posição relativa das estrelas na bandeira obedece ao aspecto do céu, na cidade do Rio de Janeiro, às 8h30min do dia 15/11/1889.

... Que as cores da Bandeira Nacional representam as quatro famílias reais de que descende D. Pedro I, idealizador da Bandeira do Império. Com o passar do tempo esta informação foi sendo substituída por uma adaptação do povo brasileiro. Neste novo contexto, o verde passou a representar as matas, o amarelo as riquezas do Brasil, o azul o seu céu, e o branco a paz que deve reinar no Brasil.

... Que a versão atual da Bandeira Nacional Brasileira, com 27 estrelas, entrou em vigor em 11 de maio de 1992, com a inclusão de mais quatro estrelas representando os estados do Amapá, Tocantins, Roraima e Rondônia.

Carta do Imperador

“Caros irmãos brasileiros,

De ímpeto, decidi-me por quebrar o silêncio que se me impuseram há quase 119 anos. Foram registradas, em 5 de dezembro de 1891, às 0h34min, como sendo minhas últimas palavras: *‘Deus que me conceda esses últimos desejos – paz e prosperidade para o Brasil...’*. Quanto à paz, não há dúvidas de que fui plenamente atendido. O Brasil é belo, alegre, irreverente e desfruta da serenidade das jovens nações. Não há por que me alongar sobre este tema... Sobressalta-me, porém, a questão da prosperidade. É fato que os livros sobre os quais repouso não versam sobre Economia e muito se alterou nesta ciência desde meus últimos balanços. Para que o Brasil alcance a prosperidade que lhe é devida, há que rever as condições de suas políticas de Educação, essa sim a base mais sólida para seu desenvolvimento. Em minha última Fala do Trono, em 3 de maio de 1889, propus a criação do Ministério da Instrução e reforcei as diretrizes para o Sistema Nacional de Instrução. Vejo que o atual Ministério da Educação esmera-se na condução das políticas de desenvolvimento do Ensino Público. Mas julgo insuficiente o esforço ensejado... Entristeço-me ao avaliar os resultados das universidades brasileiras frente às demais. Procuro participar de alguns seminários em que seriam tratados assuntos relevantes para o ensino básico, mas percebo que mais se desfruta das excelentes acomodações dos hotéis em que são realizados do que são avaliadas as questões inicialmente previstas.

Na República que a mim impuseram e que lhes foi presenteada e tão largamente festejada, alegro-me com a eleição de uma senhora para conduzir tão brilhante nação. É um marco. Não creio que comparecerei à cerimônia de posse, visto que os anos me pesam e não me agrada trocar o clima ameno de Petrópolis pela aridez do Planalto. Também não agendarei reuniões com a sra. Roussef, a fim de não parecer intromissor. Julgo que resultados concretos devem ser cobrados pelo povo brasileiro, patrões que são de seus eleitos. Percebo que o espírito pacífico imperante nos trópicos e a influência de gases do desenvolvimento no atual aquecimento global influenciaram os ânimos dos brasileiros. Há que se cobrar políticas eficientes de Educação, melhores escolas e salários dignos para os docentes, o que dever tornar atraente o Magistério, como já o fora. Cheguei a afirmar que *‘Se não fosse imperador do Brasil quisera ser mestre-escola’*, especialmente se pudesse o ser em meu colégio....

Bem, faz-se tarde. A noite cai sobre os Órgãos e tenho que me preparar para uma reunião com Eça de Queiroz, Alexandre Dumas e o Barão do Rio Branco, amigos de longa data. Visitam-me para tratar de assuntos relevantes, podem acreditar. Contem comigo, porém, se precisarem. Estarei sempre a serviço de minha pátria.

D. Pedro II, Imperador do Brasil”.

Aprendendo com as novelas...

Será possível? Assistir a novelas sempre foi considerado “coisa de quem não tem o que fazer”, “perda de tempo”, “coisa de mulher”... Nos dias de hoje, em que temos uma mulher na Presidente da República, essa última assertiva é, no mínimo, contraditória, não? Quanto às demais, avaliando-se a qualidade fotográfica, por exemplo, chega a ser um insulto aos profissionais envolvidos. As novelas são uma diversão como qualquer outra e, dependendo de como são encarradas, podem ensinar, sim...

Sem levar em conta as atuações de mestres como Fernanda Montenegro, Tony Ramos, Cleyde Yaconis e outros, a atual novela das 20h está chamando a atenção em função do drama vivido pelo personagem Danilo: um jovem bonito, atleta, rico e... dependente químico... E se ainda pode ser pior, dependente do crack.

O grande questionamento é: o que leva às drogas um jovem que, para os “padrões normais”, teria tudo para ser feliz? Essa resposta é difícil demais para ser respondida. São muitas as variáveis e, certamente, um engenheiro não está habilitado para decifrá-las...

O certo é que as cenas apresentadas no tele drama da Globo estão muito próximas da realidade. No Esporte Espetacular de 10 de outubro, um ciclista – assim como o personagem Danilo – deu testemunho do drama vivido quando se envolveu com pedras de crack. Segundo o atleta, que se recuperou com a ajuda da família, “as imagens são muito reais”...

Vida real e ficção mostram o poder de destruição desta nova droga que vem tomando todas as cidades brasileiras em função, principalmente, de seu baixo custo. E Piquete parece que não está conseguindo manter-se afastado deste drama: a cidade vem apresentando número crescente de roubos e assaltos, certamente meios de obtenção de financiamento do vício. A novela mostrou cenas em que o personagem

roubava a própria casa, vendia o carro, mentia para conseguir dinheiro. Na vida real, a família deve se atentar a mudanças de comportamento, sumiço de objetos da casa, agressividade. Ações devem ser tomadas de forma a impedir a obtenção de dinheiro para a aquisição da droga. Na novela, a mãe, comovida pelo filho, aceitou tratá-lo em casa. Na vida real, esse é um erro: o dependente químico precisa ser tratado por profissionais.

Havia alguns anos, essa realidade estava muito distante da Cidade Paisagem. Na ficção, já há anos vêm sendo mostrados personagens na decadente situação da dependência química. A falta de políticas públicas unida à força destrutiva das drogas da atualidade, indescritivelmente atrativas aos jovens, não permite uma visão otimista em curto prazo.

Tomando, como exemplo, as novelas, que já ganharam status até de tema de doutorado na Universidade de São Paulo (USP), voltamos à família. É nela que estão as bases da educação e do caráter do homem. Os exemplos de dentro de casa são um grande início. Os limites têm de ser impostos desde cedo. As drogas lícitas, muitas vezes menosprezadas no sentido de causar dependência, devem ser encaradas como porta de entrada para as demais, as ilegais.

Sou “noveleiro”... Gosto de assistir às tramas apresentadas e me divirto, na maioria das vezes. Não dá para encarar as novelas como exemplo de vida, é claro. Mas algumas lições podem, sim, ser tiradas. O tema drogas chocou e me atraiu, pois fico triste ao constatar que ficção e realidade se confundem. Vamos agir contra as drogas, meus amigos. Somente assim poderemos assistir às novelas apenas para nos divertir e nos emocionar com o trabalho dos brilhantes profissionais que as produzem.

Laurentino Gonçalves Dias Jr.





Minimizando o impacto das chuvas de verão

A proteção dos remanescentes de Mata Atlântica no município de Piquete tem sido uma das bandeiras levantadas pela Fundação Christiano Rosa desde 1997, ano de sua instituição.

Ao longo de mais de uma década, a Fundação vem trabalhando junto à comunidade buscando conscientizá-la da importância do meio-ambiente e da recuperação de matas ciliares, visando à melhoria de nossas águas. Foram muitas as ações desenvolvidas para proteger a Mata Atlântica. Uma delas é o projeto de recuperação de mata ciliar ao longo do Ribeirão Limeira. Este projeto, que está em andamento, já plantou mais de cinquenta mil mudas de espécies nativas. Ainda este ano serão plantadas novas 14mil mudas. No entanto, é preciso que mais ações aconteçam por parte de outros setores da sociedade.

Estamos entrando no período das chuvas e todos os anos assistimos aos grandes estragos no município decorrentes de enchentes e desmoronamentos, com riscos à comunidade. No entanto, nenhum trabalho consistente foi ou está sendo desenvolvido por nossas autoridades. A erosão nas encostas do município, de grandes proporções, vem assoreando o Ribeirão Piquete. Ocupações irregulares de áreas de preservação, bem como encostas desprovidas de

vegetação são realidade.

Grande parte do município de Piquete encontra-se em Área de Preservação Ambiental (APA) e a Mata Atlântica que cobre extensas áreas de nosso território é um Patrimônio da Humanidade e, em função disso, Reserva da Biosfera. Muitas vezes, já escrevemos sobre isso. Mas, para os que não sabem ou se esqueceram, é bom lembrar que Reserva da Biosfera é um instrumento de planejamento que permite, por meio de zoneamento e articulação entre governos e instituições da sociedade civil, o trabalho permanente para a conservação. São três suas funções básicas: proteção da biodiversidade, desenvolvimento sustentável e conhecimento científico.

A principal característica de uma Reserva da Biosfera é a busca de seus objetivos por meio do entendimento, do diálogo, da soma de forças e, principalmente, da cooperação internacional.

Recuperando e preservando os remanescentes de Mata Atlântica do município, estaremos minimizando os impactos das chuvas de verão no futuro. Sabemos que muito pode ser feito para a preservação dessa Mata em Piquete. Faltam, no entanto, vontade e comprometimento de nossa sociedade para que isso aconteça.



Progredir é não destruir a biodiversidade

A única maneira de enfrentarmos os inúmeros desafios da civilização atual é construindo uma nova concepção de desenvolvimento. Um desenvolvimento que não crie desigualdades, que não destrua a natureza, que atenda às necessidades do presente, sem comprometer a vida das futuras gerações.



Para garantirmos qualidade de vida e o futuro do planeta é imperativo que se conserve o meio ambiente. Ao longo da história, viemos desmatando e agredindo de maneira insensata a natureza. O jornalista e escritor Euclides da Cunha, viajando do Rio de Janeiro para São Paulo, em 1901, escreveu os textos “Fazedores de



desertos” e “Entre as ruínas”, em que descrevia as pilhas de lenha estocadas ao longo das encostas áridas escavadas pela erosão, que atestavam o esgotamento da terra provocado pelos agricultores do café.

No fim da década de 1920, era comum o costume de se comprar terra apenas para se retirar sua madeira. Quando acabavam os melhores tipos, os donos vendiam tudo e se mudavam. A criação de gado no Vale do Paraíba também colaborou para o esgotamento do solo e a erosão. Muitas espécies de animais e de plantas desapareceram ou estão em vias de. A visão desoladora e triste de áreas degradadas, de terras ácidas e improdutivas leva à inquietação e questionamentos. Estamos no limite do tolerável. Precisamos unir forças e reverter este cenário.
